

PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA E JUVENTUDES PERIFÉRICAS

Marília Justino Ramos Galdino PPGPC/UFPE
Aurino Lima Ferreira PPGE/DPOE/UFPE

Resumo: Um dos maiores desafios que se coloca para as políticas sociais neste início de milênio é, sem dúvida, a educação da juventude brasileira. Especialmente, em se tratando das juventudes periféricas que se apresentam excluídas do acesso e permanência no ensino médio e na educação superior, sendo estigmatizadas como potencialmente perigosas ou vulneráveis. O impacto desta exclusão nos processos de subjetivação tem sido contraposto através da categoria resiliência. Fenômeno que se apresenta como uma esperança e, acima de tudo, impulsiona à ação e engajamento, sendo um construto que reafirma o humano como capaz de superar e resistir às adversidades, não sendo uma qualidade individual, única e extraordinária, mas é uma capacidade universal que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, no contexto psico-sociocultural em que está inserida, sendo o aspecto biológico, subjetivo, social e cultural o que influenciam na promoção da resiliência. É um processo a ser desenvolvido de forma dinâmica, que pode ser alcançada, adquirida e é circunstancial e a chave dessa positividade está nos contatos humanos, na solidariedade e na relação afetiva estabelecida entre o grupo social no qual a pessoa pertence e que aciona esse constructo adormecido em cada pessoa. Este trabalho insere-se em uma pesquisa mais ampla desenvolvida pela UFPE na associação civil Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque. Com população de 40 mil habitantes excluída das políticas públicas básicas, esta comunidade passou a ser considerada, no imaginário local, como uma das favelas mais violentas do Recife, sendo estigmatizada nos jornais como “morada da morte”. Neste espaço de educação não formal, procuramos mapear as estratégias de promoção de resiliência postas em ação com os jovens da instituição. Do cruzamento do levantamento dos trabalhos publicados sobre a instituição com a observação participante, mapeamos as categorias Eu sou, Eu Tenho, Eu posso e Eu estou de Grotberg (2005) como centrais no desenvolvimento das atividades. Estas categorias estão destrinchadas em fatores resilientes, estes influem positivamente na maneira como a pessoa irá lidar com as adversidades, favorecendo no enfrentamento efetivo das mesmas, que abarcam habilidades interpessoais e de resolução de conflitos, apoio social e força intrapsíquica. Essas categorias apóiam um conjunto de ações que buscam oferecer recursos expressivos e de ascese que possibilitam um continente para o mundo vivido. O uso da escrita e a participação em grupos que estimulam a reflexão surgem como ferramentas de cuidado de si. Os resultados apontam que as categorias de promoção de resiliência podem ajudar na ampliação de uma escuta amorosa da exclusão, agressão social, violência escolar e abandono, pois problematizam a própria constituição do sujeito. Assim, podemos ampliar as visões sobre as juventudes periféricas, alargando os horizontes da inclusão social para além dos rótulos de risco e vulnerabilidade.

Palavras-Chave: Juventudes periféricas, Resiliência, Educação não formal.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios que se coloca para as políticas sociais neste início de milênio é, sem dúvida, a educação da juventude brasileira. Especialmente, em se tratando das juventudes periféricas que se apresentam excluídas do acesso e permanência no ensino médio e na educação superior, sendo estigmatizadas e criminalizadas como potencialmente perigosas, em risco ou vulneráveis (NUNES; FREITAS, 2009).

O impacto desta exclusão nos processos de subjetivação tem sido contraposto através do fenômeno resiliência que, segundo Grotberg (2005, p. 15), é definido como “a capacidade

humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. Esse fenômeno não é um traço da personalidade ou atributo pessoal, ou seja, não se trata de uma qualidade individual, única e extraordinária, mas é uma capacidade que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, no contexto psico-sociocultural em que está inserida, sendo o aspecto biológico, subjetivo, social e cultural o que influenciam na promoção da resiliência.

Esse fenômeno é forjado pela abertura a experiências e a interdependência com os outros indivíduos. As experiências vividas nas relações com esses outros, nas diversas formas de interação, o modo como eles afetam a pessoa, ou as marcas que eles deixam, por meio de suas palavras e gestos, adquirem especial relevância na relação afetiva, que pode repercutir, na construção da resiliência.

Destarte, esse fenômeno é um processo a ser desenvolvido de forma dinâmica, que pode ser alcançada, adquirida e é circunstancial, e a chave dessa positividade está nos contatos humanos, na solidariedade e na relação afetiva estabelecida entre o grupo social no qual a pessoa pertence e que aciona esse constructo adormecido em cada pessoa. Sobre isso, é possível então considerar que “o meio social, o espaço de experiência da pessoa, representa assim um meio (instrumento, recurso) para o seu desenvolvimento” (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 26).

Tendo isso em vista, este trabalho insere-se em uma pesquisa mais ampla desenvolvida pela UFPE na associação civil Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, Pernambuco. Com população de 40 mil habitantes excluída das políticas públicas básicas, esta comunidade passou a ser considerada, no imaginário local, como uma das favelas mais violentas da região, sendo estigmatizada nos jornais como “morada da morte”. Neste espaço de educação não formal, procurou-se mapear as estratégias de promoção de resiliência postas em ação com os jovens da instituição.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA COMUNIDADE DO COQUE: UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA COM JOVENS DE PERIFERIA

A educação formal é socialmente compreendida como responsável pela formação dos indivíduos, sobretudo no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados. No entanto, já não é mais o espaço hegemônico de educação e formação humana, pois o conceito de educação se ampliou e passou a transpor os limites do

sistema oficial de ensino e com isto uma nova dimensão se estrutura: a da educação não formal. Destarte, o conhecimento passa a ser compartilhado em outros espaços.

Compreende-se que o papel da educação não formal não é assumir o da escola formal, ela é um acontecimento que pode fornecer contribuições, vindas de experiências, que muitas vezes, não são priorizadas na escolarização formal. Sobre isso, o espaço de educação não formal:

[...] aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, ONGs e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social; ou processos educacionais frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa, via conselhos, colegiados, etc.(GOHN, 2008, p. 7).

A educação não formal apresenta-se disponível para todas as classes sociais, mas no caso dos jovens de periferia, ela surge como um dispositivo de resistência, capaz de acolher e desenvolver as potencialidades de cada um e preparando para o mundo da vida; possibilitando ao educando a sua leitura do mundo de maneira a compreender tanto seu entorno como o externo a ele e também pensar em soluções dos problemas da comunidade.

A maneira pela qual se educa vai depender dos interesses e das necessidades do grupo envolvido, respeitando a heterogeneidade do mesmo e singularidade de cada indivíduo, atuando sobre os aspectos subjetivos, ajudando na construção da identidade coletiva e colaborando para o desenvolvimento da autoestima. A educação não formal “prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.” (GOHN, 2006, p. 30).

Nesse sentido, é no NEIMFA, espaço de educação não formal, que procuramos mapear via pesquisa bibliográfica e documental (CRESWELL, 2010) as estratégias de promoção de resiliência postas em ação com os jovens da instituição, em que o “outro” é o agente educador que interage e integra com as pessoas nos momento das relações interpessoais.

Neste artigo apresentamos algumas experiências de promoção de resiliência, apoiadas nas quatro categorias do constructo da resiliência de Grotberg (2005): eu sou, eu tenho, eu posso e eu estou. Estas experiências ocorreram na comunidade do Coque, Recife, PE com jovens e apresentavam-se disponível como fonte bibliográfica, seja na forma de livros, artigos ou textos tornados público.

Antes de apresentarmos estas experiências, destacamos que a comunidade do Coque, situada no coração do Recife, surgiu a partir da ocupação e aterramentos do manguezal e

passou a ser estigmatizada pela mídia como a morada da morte (Diário de Pernambuco, 1997). Com um grande contingente de habitantes distribuídos em um espaço sem infraestrutura em relação aos serviços básicos de educação, saúde, comunicação, transporte, saneamento e energia elétrica, apresentando o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local (PNUD, 2005), o Coque apresenta-se como um signo das periferias urbanas brasileiras.

Neste contexto está inserido o Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), uma Instituição da Sociedade Civil, criada a partir da parceria entre moradores da comunidade do Coque e um grupo de jovens em 26 de setembro de 1986, objetivando a superação da violência e promoção de uma cultura de paz em defesa das crianças, adolescentes e jovens.

O NEIMFA através do seu Espaço de Psicologia Integral/Transpessoal Ser e TranScender em parceria com os programas de extensão da Universidade Federal de Pernambuco, Rede Coque Vive e Observatório das Periferias montaram um conjunto de projetos com base na promoção de resiliência, buscaremos analisar como estes trabalhos lidam com as juventudes periféricas.

RESILIÊNCIA: UM CONSTRUCTO EM FORMAÇÃO

Em se tratando do fenômeno resiliência, o termo, no Brasil, é relativamente novo no campo da psicologia (fim da década de 1990), mas importou da física, ciência na qual esse constructo é definido como “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1999).

Contudo, a psicologia adequou o conceito para sua área de conhecimento e de acordo com Walsh (2005, p. 4)) pode se definido como “a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio”.

No que tange à característica peculiar entre a resiliência estudada nesses dois campos de conhecimento, Junqueira e Deslandes (2003) explicam que há uma diferença importante no que se refere ao retorno ao estado anterior da pessoa e objeto após sofrer pressão. Para a psicologia, esse fenômeno significa a superação, ou seja, vai além do retorno ao que era antes, pois envolve um desenvolvimento ou crescimento a partir dessa superação frente à adversidade. Mas, por questão muito lógica: a pessoa não pode passar por situações de vida

difíceis e voltar ao estado primitivo. Ela enfrenta, aprende, desenvolve e supera. Diferentemente para a física, um material resiliente não sofre dano algum e ao cessar a pressão retorna o seu estado inicial intacto.

Pode-se dizer, então, que esse fenômeno tem a ver com a capacidade do indivíduo de ultrapassar os traumas e construir-se apesar das feridas, o que significa não sair ileso, mas conforme Melillo e Ojeda (2005, p. 24), “[...] o indivíduo é afetado pelo estresse ou pela adversidade e é capaz de superá-lo e sair fortalecido”.

Entretanto, uma pessoa com capacidade de resiliência não significa que resista a todas as pressões do meio, pois pode chegar a um ponto em que não tolere mais a pressão externa. Nesse ponto, há um paralelo com a física, que explica que os materiais resilientes também suportam até certo limite de pressão (FERREIRA, 2009).

Sobre isso, Brandão (2009) defende ser esse fenômeno processual e dinâmico, que se transforma quando as circunstâncias mudam, ou seja, o processo de enfrentamento de adversidades ocorre de formas diversas levando-se em conta quem enfrenta, o que se enfrenta e quais as circunstâncias envolvem o processo. Uma pessoa pode apresentar o processo de resiliência de formas variadas em situações distintas, podendo usar de mecanismos de enfrentamento distintos, bem como sofrer mais ou menos em cada situação.

Deste modo, é nessa perspectiva que o presente trabalho se apóia: na concepção de resiliência entendida como um processo a ser desenvolvido de forma dinâmica. Ela pode ser alcançada, adquirida e é circunstancial, ou seja, pode se mostrar ou não dependendo das situações por que passam as pessoas. Somando-se a isso, defende-se que esse fenômeno tem um sentido de superação, pois “[...] envolve um processo de superação de adversidades e crescimento a partir de uma elaboração pessoal” (BRANDÃO, 2009, p. 108).

Destarte, a pessoa aprende com a adversidade e acredita que seu sofrimento a torna melhor do que teria sido sem ele, é seguir o lema de acreditar no sucesso e aprender com o fracasso. É como Walsh (2005, p. 246) defende: “uma premissa básica da resiliência é que fracasso não é cair, mas permanecer no chão”.

Na psicologia, o fenômeno resiliência é construído e não é tarefa do sujeito enquanto pessoa isolada, pois ele precisa do suporte do outro para lhe ajudar a enfrentar as adversidades. De acordo com Cyrulnik (2001, p. 225), a resiliência:

[...] trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro de um contexto afectivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas tormentas. Um trauma empurrou o agredido numa direcção para onde gostaria de não ter ido mas, visto que caiu numa vaga que o enrola e o leva para uma cascata de mortificações, o resiliente

tem de fazer apelo aos recursos interiores impregnados na sua memória, tem de lutar para não se deixar arrastar pelo declive natural dos traumatismos que o fazem cansar-se de lutar, de agressão em agressão, até que uma mão estendida lhe ofereça um recurso exterior, uma instituição social ou cultural que lhe permita sair da situação.

As pessoas com capacidade de resiliência têm o suporte de figuras significativas ou “tutores de resiliência” (CYRULNIK, 2001), que podem ser um ou mais membros da família ou não pertencentes a ela, mas que aceitam as pessoas que estão enfrentando algum tipo de adversidade, de forma incondicional, independente dos seus temperamentos, inteligências ou aspectos físicos. Estão genuinamente interessadas nas histórias de dificuldades que as pessoas enfrentam e preocupadas com o bem-estar delas, compreendem suas dificuldades, criam empatia com seus sofrimentos e encorajam seus maiores esforços.

Diante disso, a figura significativa tem um papel importante para ajudar a pessoa a enfrentar as adversidades e de acordo com Brandão (2009, p. 114) é possível afirmar que se insere no conceito de fatores de resiliência, pois estes “influem positivamente na maneira como a pessoa enfrentará as adversidades”.

Grotberg (2005, p. 17) organizou os fatores resilientes em quatro categorias que favorecerem o enfrentamento efetivo das situações adversas e que abarcam habilidades interpessoais e de resolução de conflitos, apoio social e força intrapsíquica e que foram utilizadas para mapear as ações dos projetos desenvolvidos com os jovens. São elas:

Eu tenho

- Pessoas do meu entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente.
- Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas.
- Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder.
- Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho.
- Pessoas que me ajudam quando eu estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender.

Eu sou

- Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho.
- Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto.
- Respeitoso comigo mesmo e com o próximo.

Eu estou

- Disposto a me responsabilizar por meus atos.
- Certo de que tudo sairá bem.

Eu posso

- Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam.
- Procurar a maneira de resolver os problemas.
- Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo errado ou perigoso.
- Procurar o momento certo para falar com alguém.
- Encontrar alguém que me ajude quando necessito.

Compreende-se que essas categorias apóiam um conjunto de ações que buscam oferecer recursos expressivos e de ascese que possibilitam um continente para o mundo vivido dos jovens.

JUVENTUDES PERIFÉRICAS: UMA MARCA DA RESISTÊNCIA

Neste momento histórico as juventudes ainda são marcadas pela lógica do risco e do patológico ou como, no mínimo, um período de moratória¹ que em nossa cultura se tornou problemática uma vez que “o olhar adulto não reconheceu nelas os sinais de passagem para a vida adulta”. (BOCK, 2007, p. 66).

Segundo Bock (2007), a maioria das concepções de juventude utilizadas pela Psicologia considera apenas um tipo particular de jovem, geralmente branco, burguês e masculino como parâmetro de modelo. Essa concepção naturalizante da juventude não considera as singularidades e contextos socioeconômicos e culturais das diferentes juventudes.

Sendo assim, destacamos o caráter sócio histórico da juventude, indicando a necessidade de se “despatologizar” ou “desnaturalizar” os modelos de desenvolvimento humano construído a partir deste referencial. Indicando que os psicólogos perdem a oportunidades de elaborar políticas públicas a partir de uma visão de juventude que contemple a perspectiva que as suas características não são naturais e, sim fruto das relações sociais e das formas de produção da sobrevivência, ajudando a ressignificação, pelo adulto, deste período, e sugerindo novas formas de relacionamento que tenham no jovem um parceiro social.

De acordo com Malvasi e Trassi (2010) ao fazermos as discriminações desses vários conceitos acabamos por descobrir que a juventude, para além de suas particularidades, nas diferentes sociedades e culturas, inclui um grande número de situações e indivíduos/grupos que devem ser considerados adquirindo visibilidade. Somente assim, poderemos ter diferentes juventudes marcadas pelo cenário histórico e interação constante do organismo com o meio.

Diferente das sociedades tradicionais, nas quais os jovens eram conduzidos nessa passagem através de um ritual de iniciação que os confrontava com aquilo que a comunidade cobrava deles para passar a ser vistos como um iniciado, na nossa cultura não é oferecido nem orientações claras e nem tampouco papéis precisos do que seja ser adulto. No entanto,

¹ Moratória social é um conceito muito usado atualmente na compreensão da Adolescência e juventude. Foi usado pela primeira vez por Erik Erickson, em 1960, em seu livro *Identidade: juventude e crise*. A expressão é usada para designar este período de espera que a sociedade oferece aos jovens como momento de preparação para a vida adulta.

considerando a juventude uma experiência subjetiva peculiar da nossa cultura, precisamos contar com as inúmeras variáveis que podem estar produzindo e indicando diferenças e especificidades da condição juvenil em determinados contextos locais. (COUTINHO, 2009).

Assim, a teorização e a investigação sobre as juventudes são valiosas para a nossa cultura porque expressa determinadas singularidades de uma organização social, mas também é uma tarefa delicada pelo risco de produzir ideais a serviço da reprodução de determinadas normas sociais hegemônicas, da exclusão da diferença e da neutralização da palavra dos próprios sujeitos juvenis.

Devendo considerar aqui particularmente, o caso dos jovens pobres e/ou marginalizados, que, tão grave quanto à condição de privação material em que muitas vezes vivem, é a condição de desamparo discursivo em que se encontram. Sem um lugar no discurso social que não seja o lugar da estigmatização e do preconceito, estando, assim esses jovens privados da possibilidade de ser escutados enquanto sujeitos, o que, muitas vezes só vem a ocorrer após algum ato extremo de violência, como única resposta possível. (COUTINHO, 2009). Desta forma pode-se dizer que:

Costuma-se vincular a vida dos jovens pobres no Brasil, de maneira geral, à violência, à criminalidade e ao tráfico de drogas. Uma forma comum usada para se referir, indiscriminadamente, a crianças e adolescentes pobres é chamá-los de “menor”, termo que deriva de uma representação social sobre a criança e os adolescentes pobres como despossuídos [...], ou seja, as caracterizações dessa parcela da adolescência e da juventude existentes no imaginário social e veiculadas pelos meios de comunicação tendem ser estereotipadas e preconceituosas. (MALVASI; TRASSI, 2010 p. 49).

Assim, pensarmos em juventudes periféricas (FERREIRA, 2011), significa retomarmos esta categoria a partir de uma perspectiva crítica, capaz de resistir aos processos de normalização e assujeitamento tão comuns em nossa cultura.

PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA NAS JUVENTUDES PERIFERICAS: DESAFIANDO O RISCO

O conceito de risco segundo Sapienza e Pedromônico (2005) estava inicialmente associado ao modelo biomédico, que procurava identificar padrões de doenças estando com frequência relacionado ao termo mortalidade. Nesta perspectiva, o conceito de risco tem sido representado tradicionalmente como um fator que antecipava resultados negativos, ou seja, com a presença de um único fator de risco já bastava para se prever consequências indesejáveis conforme indica Paludo e Koller (2005).

Atualmente, existe uma visão mais dinâmica, na qual o risco passa a ser visto como uma variável vinculada diretamente ao resultado provocado. Assim, de acordo com Yunes e Szymanski (2001, p. 24), os fatores de risco precisam ser visto sempre como processo e não como variável em si e “relacionam-se com toda sorte de eventos negativos de vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”.

De acordo com Luthar e Zelazo, (2003 apud BRANDÃO, 2009), o que diferencia basicamente os dois enfoques é o caráter negativo ou positivo dos fatores que cada um focaliza. Na abordagem de risco, o que são focalizados são os resultados e os fatores negativos que nele interferem, como por exemplo, a presença de distúrbios psicológicos e a doença mental de um dos pais. Enquanto na abordagem da resiliência, dimensões tanto positivas quanto negativas são focalizadas nos resultados de um desenvolvimento e nos fatores que atuam sobre o mesmo.

Assim, pode-se afirmar que uma mesma variável pode causar resultados diferentes para uma mesma pessoa em etapas diferentes do seu desenvolvimento ou, ainda, poderá causar determinados resultados a uma pessoa e a outra não. Sendo assim, Rachman (2008) sugere com essa flexibilidade que ao invés de fatores ou variáveis de risco esses eventos sejam chamados de mecanismos ou processos.

Yunes e Szymanski (2001) em pesquisa realizada com famílias de baixa renda com o propósito de identificar os fatores determinantes da resiliência familiar concluiu que a pobreza não pode ser considerada como fator de risco. É preciso identificar que processos ou mecanismos influenciaram o que liga risco a consequência, em um determinado ponto da história do indivíduo.

Koller e Lisboa (2007, apud POLETTTO; KOLLER, 2008) alertam para o fato de que a pobreza não pode ser adotada como um fator de risco a priori, de forma descontextualizada, uma vez que em países como o Brasil, considerado pobre, pessoas ricas podem passar por experiências estressoras e de risco ao sentir medo de ser sequestrada, assaltadas ou violentadas.

Segundo Grotberg (2005), o paradigma da promoção está comprometido com a elevação do potencial e do bem estar das pessoas e não apenas preocupado com os problemas de saúde. Esse modelo estaria mais condizente com o paradigma que focaliza a construção de fatores de resiliência, comprometendo-se com o comportamento resiliente e com a obtenção de resultados positivos, incluído um valor agregado de bem estar e qualidade de vida.

Vários pesquisadores estão investindo na capacidade de se promover a resiliência, obtendo resultados satisfatórios. Monteiro et al, (2001 p. 12), sugere algumas estratégias centradas na pessoa, tais como: (1) redirecionamento do impacto de risco; (2) redirecionamento da reação que se faria por uma trajetória negativa; (3) desenvolvimento da autoestima e do poder de ações positivas, por meio de relações pessoais, de novas experiências e de aprendizagem para suplantar desafios; e (4) criação de oportunidades que permitam ao indivíduo ter acesso a recursos.

Através de suas primeiras pesquisas, Grotberg (2005) identificou alguns fatores de resiliência organizando-os em quatro níveis diferentes: Eu tenho, Eu sou, Eu estou e Eu posso. O manejo do conjunto destas categorias favorece a criação de intervenções que visam à promoção da resiliência. A seguir, apresentaremos brevemente sete projetos desenvolvidos desde 2006 na comunidade do Coque através dos projetos de Extensão da UFPE em parceria com o NIEMFA.

CURSO DE EDUCADORES HOLÍSTICOS (NEIMFA/PPGE-UFPE)

Projeto desenvolvido pelo NEIMFA em parceria com a UFPE, teve uma duração de cinco anos. Nele, as intervenções procuram construir com os jovens os aspectos resilientes apontados por Grotberg (2005), tanto na relação professor-aluno, na qual esses jovens são apoiados no processo de melhoria da sua autoestima, como na relação aluno-aluno em que o apoio e a confiança entre si, possibilitava que as dificuldades fossem compartilhadas coletivamente.

O curso está na sua terceira turma e atende uma média de 17 participantes, sendo sistematicamente estudado por Ferreira (2007, 2009, 2011). Os encontros ocorriam durante toda semana com disciplinas que envolvem raciocínio lógico, prazer de ler, cuidar do ser, artes e trabalhos com psicologia. Nas disciplinas ministradas tentava-se potencializar e estimular a promoção da resiliência no intuito de favorecer o desenvolvimento abrangente de modo que esses jovens pudessem ser fortalecidos sendo capazes de enfrentar as adversidades.

No curso também, os jovens vivenciavam aulas de filosofia, fotografia, arte, linguagens, tradições espirituais, meditação, trabalho terapêutico, tudo permeado pela preocupação central do cuidado com o ser (FERREIRA, 2007), atendendo todas as categorias apontadas por Grotberg (2005).

PROJETOS DA REDE COQUE VIVE

Entre os anos 2007 e 2008, a Rede Coque Vive desenvolveu três projetos: Rede de Agentes de Educomunicação Solidária (2006- 2007 MEC/Sesu/Depem. proext-ufpe), Rede de Comunicação e Cultura: Filhos e Filhas do Coque, (Proext Cultura 2007 Ministério da Cultura) e o Programa de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural (PFAMS) (MEC/Sesu/Depem 2007-2008. Proext-UFPE).

As intervenções destes projetos buscavam estimular a formação de novas redes de promoção social articulando os jovens das pesquisas e disciplinas do curso de Jornalismo/UFPE com os jovens moradores da comunidade, no intuito de criar um agendamento positivo do bairro do Coque na mídia local, ocupação de redes virtuais.

A promoção de resiliência ocorria através do trabalho de estímulo ao protagonismo juvenil que se materializava num processo de formação humana e crítica com jovens, além de oferecer subsídios teóricos para estes realizassem intervenções sociais, oficinas de qualificação técnica (mídias digitais, expressão sonora e visual, redação, leitura, expressão e outras); realização de circuitos socioculturais (eventos culturais - oficinas, mostras, eventos memória – contação de histórias, circuitos universitários - eventos acadêmicos); ocupação da rede virtual, estímulo à formação de redes de promoção social; implantação da Estação Digital de Difusão de Conteúdos; Cine Coque Vive. Ensino e intervenção social: conteúdos articulados à ação extensionistas no Coque (produções jornalísticas de alunos da graduação veiculadas na mídia local sobre o Coque e ações do projeto, “narração de histórias das Mães do Coque”).

No conjunto estes projetos tomavam o jovem de periferia como autor de sua vida, potencializando os fatores de resiliência apontados por Grotberg (2005), em especial o eu sou e o eu tenho e são detalhados em Vale Neto (2009).

No ano de 2008-2009 foi realizado o projeto Coque vive: Estação Digital de Difusão de Conteúdos (2008-2009. Proext-UFPE). Este projeto buscava construir uma estação digital que abordava estratégias de promoção de resiliência através do enfrentamento midiático, na qual os jovens moradores do Coque poderiam relatar suas inquietações e seus medos.

A Estação Coque Vive é um espaço físico, composto por equipamentos para produção musical e audiovisual e um espaço virtual, que reúne um conjunto de iniciativas articuladas de inserção de conteúdos sobre e a partir do Coque em diferentes plataformas na internet (Picasa, Ning, YouTube, flickrs, blogs etc.), assim como a manutenção deste site colaborativo. E mais do que isso, é uma proposição: uma proposição que compreende a construção de um novo regime de interação, de relação entre universidade e a comunidade. (COQUE VIVE, 2009).

Em 2010 foi elaborado o projeto “Coque Vive: mídias de sinergia Criatividade para romper os muros (in) visíveis” (Proext-UFPE), que consistia de uma ação integrada que problematizava, via ação juvenil, "os processos de criminalização da pobreza, paradigmas solidários na ciências humanas e os movimentos sociais". Neste projeto reuniram-se:

[...] quatro agentes em “sinergia”: Universidade, Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis, Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis e o grupo de artesãs Cor do Coque em torno de um mesmo objetivo: re-pensar a relação dos espaços populares com a cidade, construindo para isso uma mídia sinérgica rica em conteúdo e formas que remetam a essa “reunião”. (COQUE VIVE, 2010)

As estratégias de promoção de resiliência eram postas em ação através da produção de mídias colaboracionistas: O Estúdio Coque Livre e Estação Digital Coque Vive, sediados no NEIMFA, ajudavam na redescrição subjetiva de novas imagens dos jovens das periferias, superando as visões de risco e vulnerabilidade, assim como as oficinas de reciclagem artesanal de papel realizadas por jovens mulheres, produziam uma diversidade de produtos que incluíam agendas, bloco de notas e caixas para presente.

Em 2011 foi elaborado o "Programa de Extensão Observatório das Periferias" (Proext-UFPE) que tem na promoção de resiliência em jovens de periferias um elemento central. Destacamos que a promoção de resiliência é um dos possíveis caminhos de superação dos processos de exclusão vividos pelos jovens moradores da periferia.

Um ponto marcante no conjunto de todas as ações realizadas pelos projetos investigados foi à presença de promoção de valores humanos e que podem ser descritos pelos seis valores apontados por Disken (2008, p. 8): “Respeitar a vida, Rejeitar a violência, Ser generoso, Ouvir para compreender, Preservar o planeta e Redescobrir a solidariedade”.

A promoção de resiliência está diretamente associada à promoção de cultura de paz. Percebe-se que o uso das categorias desenvolvidas por Grotberg (2005) para o estudo da resiliência foi posta como prática nos projetos desenvolvidos. Eu tenho (apoio); eu sou, eu estou (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); eu posso (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos) estavam imbricados nas ações e convergem na tentativa de promoção de resiliência e redução de violência contra estes participantes.

Nessa linha de pensamento, a resiliência, essa inaudita dimensão de construção humana, como aponta Cyrulnik (2001) nos faz pensar na necessidade que temos de nos inventar e reinventar a cada dia, a cada adversidade, exigindo a aprendizagem de novos modos de ser capazes de superar as imposições e determinações socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou verificar a possibilidade de promoção de resiliência em jovens moradores das periferias, mais diretamente indicamos alguns projetos desenvolvidos na periferia do Coque, Recife, que trabalha com a promoção de resiliência como estratégia de superação do paradigma do risco.

Inicialmente fizemos um breve histórico sobre a resiliência, expondo suas diferentes concepções. Fizemos também uma distinção entre o paradigma do risco e o paradigma da resiliência, mostrando que no risco o que se focaliza são os resultados e os fatores negativos que nele interferem. Já na abordagem da resiliência, tanto as dimensões positivas quanto as negativas são focalizadas nos resultados de um desenvolvimento e nos fatores que atuam sobre o mesmo.

Pensar a possibilidade de promoção de resiliência a partir das categorias de Grotberg: eu tenho (suporte social), eu posso (habilidades) eu sou e eu estou (força interna), permitiu-nos perceber que é possível ensinar e aprender estratégias positivas que favoreçam a construção de processos de subjetivação que vão além dos estereótipos com os quais são tratados os jovens das periferias.

Em relação às juventudes periféricas procuramos mostrar uma visão sócio histórica na qual a juventude se constrói a partir das relações do sujeito com o contexto no qual ele está inserido. Diferentemente da concepção naturalizante de juventude que não considera as singularidades e contextos socioeconômicos e culturais das diferentes juventudes, apontamos uma visão crítica no intuito de superar os modos como são implantados as ações da psicologia nas periferias.

Situamos sete projetos de extensão que buscavam promover resiliência em jovens da periferia do Coque, indicando como o protagonismo, a autoestima e o colocar os jovens no centro da problematização ajuda a criar rotas de fuga dos modelos de dominação e normalização.

Mesmo apresentando uma breve contribuição a ideia de promoção de resiliência em jovens nas periferias, indicamos a importância de uma ampliação deste estudo que se centrou nas produções bibliográficas, não analisando a participação direta nas experiências. Esta participação direta poderia contribuir na percepção mais clara do fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores*. Revista da associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. V. 2, n. 1, p. 2007.
- BRANDÃO, J. M. *Resiliência: de que se trata? O conceito e suas implicações*. Dissertação de mestrado, programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Belo Horizonte, 2009.
- CYRULNIK, B. *Resiliência, essa inaudita capacidade de reconstrução humana*. Lisboa, Instituto Piaget, 2001.
- COUTINHO, L. G. Adolescência, cultura contemporânea e educação. *Estilos clinica.*, São Paulo, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S141571282009000200009&script=sci_arttext Acessos em: 21 fev. 2012.
- COQUE VIVE, **Projeto Gestão de Processos Comunicacionais no Coque(Proext – UFPE)** disponível em: <http://www.coquevive.org/admin/pdf/02201001002837coquerelatorioPFAMS2007finalanexo.pdf> acessado em 15 de abril de 2012.
- Programa de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural - PFAMS – disponível em:** <http://www.coquevive.org/admin/pdf/02201001002837CoqueRelatorioPFAMS2008finalanexo%20desdobrado.pdf> acessado em: 15 de abril de 2012.
- Rede de Agentes de Educomunicação Solidária (MEC/Sesu/Depem. Proext-UFPE)**=disponível em: http://www.coquevive.org/admin/pdf/02201001013419_Relatorio_CoqueVive_ProextUFPEfinal_.pdf - 2009 acessado em 20 de abril de 2012.
- Coque vive: estação digital de difusão de conteúdos** disponível em: http://www.coquevive.org/admin/pdf/02201001013419_Relatorio_CoqueVive_ProextUFPE_final_.pdf – acessado em 20 de abril de 2012.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO SÉCULO XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexicon Informática, CD-rom, versão 3.0. 1999.
- DISKEN, L., *Cultura de Paz - Notas para uma construção Polifônica*. Cultura de Paz educando para o novo tempo. Recife Editora Universitária UFPE, 2008.
- FERREIRA, A. L. *Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção/consciência do budismo e da abordagem transpessoal: a busca de uma pedagogia direcionada para integralidade da formação*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2007.
- _____. *“Aprender a ser” como um dos caminhos de promoção da resiliência*. Em F. L. Fernandes; A. F. Ferraz e A.C. Senna (orgs). Redes de valorização da vida. (pp. 63-78). Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.
- _____. **Adolescências periféricas: o espaço grupal transpessoal como dispositivo de formação humana**. Manaus. EPPEN, 2011.
- GOHN, M. da G. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- _____. *Educação não-formal e cultura Política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GROTBORG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. Em A. Melillo; E. N. S.Ojeda e col. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. (V. Campos, trad.) (pp. 15-22). Porto Alegre: Artmed, 2005.

- JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. *Resiliência e maus-tratos à criança*. Cadernos de Saúde pública, 19 (1), 227-235, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v19n1/14923.pdf>.
- MALVASI, P. A.; TRASSI, M. L. “*Violentamente Pacíficos*”: desconstruindo a associação juventude e violência. São Paulo: Cortez, 2010.
- MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S e col. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. (V. Campos, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MONTEIRO, D. S. dos A.; PEREIRA, L. F.; SARMENTO, M. R.; AQUINO, T. M. de. Resiliência e Pedagogia da Presença: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*, Vitória, 2001. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam01.htm>. Acesso em: 14 março 2012.
- NUNES, C. B.; FREITAS, A. S. *Biopolítica e Resistência: uma análise foucaultiana das políticas públicas de Juventude na Contemporaneidade*. Recife: PIBIC/UFPE/CNPQ, 2009.
- PNUD, *Recife mescla IDH da África e da Europa*, Recife, 2005 disponível em: http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=1666&lay=pde acessado em 30 de janeiro de 2012.
- POLETO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*: Campinas, 2008.
- _____. *Resiliência na rua: um estudo de caso*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, Vol. 21 n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso: 29/set.2011.
- RACHMAN, V. C. B. Resiliência: o emprego desse conceito nas áreas de Educação e Psicologia da Educação no Brasil (2002 a 2007). 2008. 255p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade de São Paulo, 2008.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S.; SILVA, A.P.S.; CARVALHO, A.M.A. *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. *Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente*. *Psicologia em estudo, Maringá*. 2005, vol.10, n.2. Acesso em 13/02/2012.
- YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas*. Em J. Tavares (org.). Resiliência e educação. (pp. 13-42) São Paulo: Cortez, 2001.
- Walsh, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. (M. F. Lopes, Trad.) São Paulo: Roca, 2005.
- VALE NETO, J. P. *Coque: morada da morte? Práticas e disputas discursivas em torno de uma comunidade do Recife*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.